

# Confrontar o capitalismo do século XXI: contribuições de Bolívar Echeverría

## Confronting the capitalism of the 21st century: contributions of Bolivar Echeverría

*Andrea Santos Baca<sup>1</sup>*  
UFABC

**Resumo:** Diante o catastrófico cenário do capitalismo do século XXI, é necessário manter uma atitude crítica, que permita entrever nesta catástrofe a possibilidade de superá-la. Este artigo tem por objetivo defender a atualidade da crítica marxista através do desenvolvimento realizado pelo pensador latino-americano Bolívar Echeverría, quem propõe empreender a crítica ao capitalismo do século XX via a plataforma oferecida pela contradição valor-valor de uso. Com a qual pretende superar os vícios e limitações comuns ao marxismo do século XX, em específico o chamado economicismo. Embora a partir do falecimento de Echeverría, sua obra tinha sido difundida e homenageada em diferentes países América Latina, na língua portuguesa o desconhecimento deste autor ainda é a regra. A contribuição deste texto é, assim, apresentar para o leitor da língua portuguesa a obra deste autor e suas contribuições para a crítica do capitalismo do século XXI.

**Palavras-chave:** Crise, capitalismo, contradição valor-valor de uso, euro centrismo, progresso.

**Abstract:** Faced to the catastrophic scenario of 21st century capitalism, it is necessary to maintain a critical attitude, which allows us to see in this catastrophe the possibility of overcoming it. This article aims to defend the current relevance of Marxist criticism through the development of Bolivar Echeverría, a Latin American thinker who proposes to undertake the critique of capitalism via the platform offered by the value-use value contradiction. With which it intends to overcome the vices and limitations common to Marxism of the twentieth century, in particular the so-called economism. Although since the death of Echeverría, his work had been spread and honored in different Latin American countries, in the Portuguese language the ignorance of this author is still the rule. The contribution of this text is thus to present to the reader of the Portuguese language the work of this author and his contributions to the critique of 21st century capitalism.

**Keywords:** Crisis, capitalism, value-use value contradiction, eurocentrism, progress.

Submetido em: 20/02/2018

Aceito em: 05/10/2018

---

<sup>1</sup> Doutora em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Ciências Sociais – FLACSO – México. E-mail: [santos.baca@ufabc.edu.br](mailto:santos.baca@ufabc.edu.br)

## Introdução

O panorama social nesta segunda década do século XXI se apresenta pouco alentador. Estamos defronte de um cenário de violenta devastação, de ataque sistemático aos direitos sociais coletivos, de retomada escancarada de posições reacionárias misóginas, racistas, homofóbicas, xenofóbicas e antidemocráticas. Soma-se a isso, uma crescente violência de Estado, configurando um contexto em que territórios e mares são convertidos em cemitérios de migrantes e refugiados. Esse panorama também está marcado pela crise ecológica, na qual os rios e os ecossistemas estão sendo declarados mortos e fenômenos naturais extremos assolam diferentes regiões do planeta. Tudo parece indicar, recordando aquela sentença realizada por Rosa Luxemburgo no começo do século XX, que as sociedades optaram pelo caminho da barbárie.

O reconhecimento da catástrofe não convida à resignação nem ao pessimismo. O caráter destrutivo do capitalismo não é novidade. Hoje como antes, é necessário manter uma atitude crítica, que permita entrever nesta catástrofe a possibilidade de superá-la. A referência obrigatória nessa busca por alternativas é o projeto de crítica da sociedade moderna de Karl Marx, cuja principal obra *O Capital* comemora 150 anos. Do lado do relato diário da barbárie contemporânea, é possível encontrar referências dos diferentes atos, congressos, encontros no redor de *O capital*. Que cenário de crise de civilização que acompanha essa comemoração!

Nesse contexto, é pertinente a pergunta: qual a atualidade da Crítica da Economia Política? Não faltará quem se apresse responder à essa questão com uma negativa, visto que o século XX parece ter demonstrado um suposto fracasso da empresa soviética na realização do socialismo e, além disso, que Marx não é mais que um autoritário, estatista, eurocêntrico, patriarcal, excepcionalmente moderno, economicista e dotado de uma fé antiecológica no progresso. Para os partidários desse diagnóstico, em resumo, Marx não teria nada a contribuir na compreensão e superação da crise civilizatória atual. Porém, indo além desta caricatura de Marx, é possível encontrar, ainda, efetividade do discurso marxista nos diferentes desenvolvimentos que dela derivaram ao longo do século XX e que ainda estão em curso no XXI.

Em específico, este artigo tem por objetivo defender a atualidade da crítica marxista através de um dos seus desenvolvimentos, o realizado pelo pensador latino-americano Bolívar Echeverría. Seu projeto de marxismo latinoamericano é fundamentado em uma rigorosa e criativa leitura de *O capital*, a partir da qual ele propõe empreender a crítica ao capitalismo via a plataforma oferecida pela contradição valor-valor de uso. Echeverría atualiza de uma forma

brilhante o sentido crítico do projeto de Marx, resultando em uma análise sumamente útil e efetiva para a crítica e a superação do capitalismo no século XXI e do seu catastrófico cenário.

Embora a partir do falecimento de Echeverría tenham surgido muitos textos, encontros e homenagens a ele e sua obra na América Latina, na língua portuguesa o desconhecimento deste autor ainda é a regra. A contribuição deste texto é, assim, apresentar para o leitor da língua portuguesa a obra deste autor e suas contribuições para a crítica do capitalismo do século XXI.

### **1. A contradição valor-valor de uso como o eixo da crítica do capitalismo do século XXI**

Bolívar Echeverría (1941, Equador – 2010, México) dedicou-se a estudar e recuperar o projeto de crítica radical da sociedade moderna de Marx, mesclando uma posição crítica diante dos erros e das limitações dos diferentes marxismos do século XX; mas também estabelecendo um diálogo com diferentes autores e temas não considerados “clássicos” do pensamento marxista e outros associados, justa ou equivocadamente, ao pensamento pós-moderno.

O autor invoca, de forma particular, a teoria de Marx para fundamentar um marxismo diferente conforme à realidade da segunda metade do século XX. Trata-se, sem dúvida, de uma proposta polêmica que pretende estabelecer os traços de uma crítica à totalidade da civilização capitalista. Seu pensamento percorre temas como a cultura, a política, a identidade, o racismo, a especificidade do capitalismo latino-americano, a modernidade e a sexualidade, a partir das categorias centrais da Crítica da Economia Política.

A proposta de Echeverría fundamenta-se na reconsideração da qual dentre as múltiplas contradições identificadas, desenvolvidas e denunciadas em *O capital*, resulta ser a mais efetiva para capturar o sentido do capitalismo do século XXI.

Ao longo da história do pensamento marxista, esta contradição central tem sido identificada, principalmente, entre a classe trabalhadora e a classe capitalista (como no *Manifesto Comunista*), ou entre as forças produtivas e as relações de produção ou entre a base e a superestrutura (ambas do Prólogo de 1859 à *Contribuição para a Crítica da Economia Política*) ou entre o trabalho assalariado e o capital (presente em *O Capital*).

A questão não reside em dilucidar qual destas contradições é a mais verdadeira ou corresponde melhor ao pensamento de Marx. Todas as contradições enumeradas constituem contradições presentes no projeto marxista de crítica da modernidade capitalista. Porém, ao longo do século XX, o foco em cada uma destas contradições deu cabo às mais diversas tergiversações e simplificações, sendo a mais cara o denominado *economicismo*, supostamente característico do pensamento de Marx.

Três consequências podem ser destacadas desta redução economicista do marxismo. Em primeiro lugar, a identificação simplista da infraestrutura com o âmbito econômico levou a deixar fora, como secundários ou pouco importantes, os âmbitos da política e cultura. Em segundo lugar, por exemplo, a contradição entre trabalho assalariado e capital parece reduzir a dominação do capital e a luta contra ele ao âmbito econômico e, como muitas vezes foi considerado, ao lugar do trabalho urbano das fabricas. E, terceiro, o foco na contradição entre forças produtivas e relações de produção possui o perigo de levar a aceitar, de forma acrítica, o mito burguês do progresso (Echeverría, 2010a: 10)<sup>2</sup>.

Consciente destas dificuldades e limitações que o pensamento marxista experimentou ao longo do século XX, Echeverría empreende sua reconstrução, que pode ser considerada uma tentativa de salvar o projeto de crítica de Marx do reducionismo economicista. Nessa empreitada, desloca a contradição central do capitalismo para aquela que já estava enunciada na estrutura da mercadoria, a célula da lógica do capital. Esta é a contradição valor e valor de uso apresentada por Marx nas primeiras páginas de *O capital* e, a partir da qual Echeverría, repara que na estrutura da mercadoria está contido e enunciado o fato determinante do mundo capitalista: o estranhamento. Na contradição valor-valor de uso, ele reconhece a expressão da contradição fundamental das sociedades capitalistas, isto é, o coração do projeto de crítica da sociedade capitalista. Mas para o equatoriano, esta contradição não se limita a referir a contradição presente na materialidade das mercadorias:

O teorema que afirma a existência de uma contradição entre valor e valor de uso não é mais que uma tentativa de Marx por dar nome ao que poderia ser o núcleo, o centro, a essência mesma de todo um conjunto de contradições, de conflitos, de opressões, de repressões, de explorações, que constituem a existência cotidiana dos seres humanos neste último período da época moderna (Echeverría, 1998b, p.08).

Vale recuperar como Marx apresenta esta contradição. A mercadoria, como pode ser lido em *O Capital*, é um objeto estruturalmente complexo, integrado por dois níveis de presença, cada um com sentidos radicalmente contrapostos, mas vinculados em uma unidade contraditória.

A mercadoria é um valor de uso, isto é, contém a forma natural da riqueza social. A mercadoria, quanto à sua forma social-natural, é uma porção determinada da natureza, transformada e adequada para a satisfação de uma necessidade social específica. O valor de uso é o nível de existência da mercadoria, no qual o que importa é cada característica qualitativa e cada detalhe concreto contidos nela. Em outras palavras, o valor de uso refere-se ao fato de a

---

<sup>2</sup> Em 2010 Echeverría e Gyorgy Markus mantiveram, através de uma troca de artigos, um interessante dialogo sobre esta questão em específico. Artigos que se encontram na *Revista Mundo Siglo XXI*, n. 21. <http://www.mundosisigloxxi.ciecas.ipn.mx/>

mercadoria ser produzida com uma porção particular da natureza e não com outra e de que, para ser transformada em um objeto útil, se empregou este ou outro trabalho. O valor de uso diz respeito, ainda, ao destino da mercadoria, ou seja, se está dirigida a esta necessidade em particular ou a outra, da cabeça ou do estômago. Como lembra Marx, a descoberta dessas qualidades dos objetos para satisfazer as necessidades, é um processo histórico.

Porém, a mercadoria não é apenas um valor de uso, aponta Marx, ela é também um valor de troca. Este nível de existência se refere também a uma utilidade, porém trata-se de uma utilidade radicalmente diferente daquela do valor de uso: a capacidade de ser intercambiável. O valor de troca é a expressão da substância que os valores de uso, em princípio diferentes, têm em comum: o valor. O valor das mercadorias faz referência à uma substância puramente social, um quantum de energia social objetivada. Essa energia social objetivada é obtida da abstração das características qualitativas dos valores de uso e funciona para sua comparação quantitativa. Como valores, as mercadorias importam apenas segundo uma quantidade abstrata pelo trabalho abstrato contido nelas.

Mas estas duas formas nas quais existe a mercadoria não existem harmoniosamente uma do lado da outra. Marx aponta que a forma natural constitui o suporte material da forma social. Ou seja, o valor de uso de ser a forma natural da riqueza torna-se a substância, o suporte de outra forma: a do valor. Modificação que não é trivial. Esta dialética da forma e do conteúdo é, em realidade, um processo de subordinação da forma social-natural à forma valor. O capitalismo não é simplesmente uma forma peculiar na qual se realiza a forma geral do processo de reprodução social, o que está presente como valor de uso. Somente nestas sociedades, surge uma outra determinação do processo de reprodução social, que é a dominante. Desta forma, na transformação da forma natural da riqueza social em suporte material da forma valor está já presente, insinuada, a inversão das prioridades sociais ou estranhamento. Os indivíduos, nas sociedades capitalistas, são espectadores impotentes, do seu próprio processo de reprodução, sendo o capital o verdadeiro sujeito, como posteriormente desenvolverá Marx: “O modo capitalista é descrito e explicado como uma forma que contradiz e deforma - reprime e hipertrofia - a substância que o sustenta e sobre a qual se assenta parasitariamente: o processo de produção / consumo em geral.” (Echeverría, 1986, p.56).

Se trataria assim, aponta Echeverría, de uma contradição entre duas lógicas de reprodução da vida social: a primeira lógica está presente no capitalismo através do valor de uso da mercadoria, faz referência à forma milenária em que as sociedades humanas tem resolvido, histórica e etnicamente, a sua reprodução social, calcada sobre a relação com a natureza e a organização das relações sociais; a segunda lógica, abstrata-quantitativa, é específica das

sociedades capitalistas e representa o processo de reprodução do capital, da produção, exploração, realização e acumulação do valor.

As mercadorias, como valores de uso, expressam a multiplicidade da realidade social, a sensibilidade da vida social diante as diferenças qualitativas concretas. Para toda vida orgânica é importante a diferença entre calor e frio, fome e sede, salgado e doce, luz e obscuridades e, em conjunto, essas distinções estabelecem o limite da possibilidade de reproduzir a vida ou de que ela se pereça. No processo de reprodução social estas diferenças têm, sobretudo, uma origem social, ou seja, são socialmente produzidas, como apresentado mais adiante. Para o valor, produto da abstração dessas diferenças, o único que importa é a realização no mercado de uma quantidade abstrata. Mas se bem a forma valor é a dominante, não pode prescindir do valor de uso, pois como suporte material é indispensável para o valor. São duas formas de existência opostas que dependem uma da outra para se realizar, sendo sempre a forma valor a dominante. A forma valor, a lógica abstrato-quantitativa, é a que conduz o ritmo e a direção, a amplitude e as condições nas que se realiza dito compromisso:

A figura concreta das sociedades capitalistas é o resultado de um conflito e um compromisso entre essas duas tendências que são contraditórias entre si. O objetivo da primeira (da forma social natural) a única que interessa ao sujeito social como tal, só pode ser perseguido no capitalismo na medida em que, quando traduzido nos termos impostos pela consecução do segundo (valor da forma), é traído em sua essência (Echeverría, 1998: 159).

Com esta interpretação do primeiro capítulo de O Capital, Echeverría consegue destacar o que apenas está insinuado na estrutura da mercadoria: o princípio de estranhamento que domina as sociedades capitalistas e do qual é possível derivar a coleção de contradições e conflitos que caracterizam esta sociedade. Porém, o leitor poderá rapidamente argumentar que esta contradição valor e valor de uso ainda tem um sentido marcado pelo economicismo, alheio as questões raciais, culturais, políticas e ecológicas. Mas Echeverría, não para na identificação da alienação na estrutura da mercadoria, aplica e desdobra a contradição valor-valor de uso a fim de realizar a crítica da totalidade da sociedade capitalista, rompendo com os diversos reducionismos.

Na continuação, são apresentados dois momentos chaves desta projeção da contradição valor – valor de uso para além do economicismo. O primeiro momento refere-se a construção de uma teoria do valor de uso, ou melhor, do processo de reprodução social, que (re)institui as dimensões cultural e política na base econômica das sociedades; e, o segundo momento, refere-se a efetiva dominação do valor de uso sob o valor ou dialética da coisificação, a partir da qual fundamenta-se um posicionamento crítico defronte o mito burguês do progresso. Deve-se

mencionar que Echeverría leva o princípio da contradição valor-valor de uso também para uma reinterpretação da história, em específico, da relação entre modernidade e capitalismo; assim como para o âmbito da conformação dos ethos modernos ou dos princípios que regem o comportamento dos indivíduos na sociedade capitalista. Por questões de espaço, estes temas não poderão ser tratados aqui, mas podem ser consultadas em Echeverría (1997).

## **2. A reinterpretação da chamada base econômica: a teoria do valor de uso**

No livro *O Discurso Crítico de Marx*, se inclui a entrevista *Cuestionario sobre lo Político*, na qual Echeverría é questionado sobre a definição marxista do político. Diante das interpretações economicistas, que reduzem o âmbito do projeto marxista ao econômico, seu posicionamento é claro. Ao invés de inventar complexos malabares para tecer a relação entre a chamada base econômica e a superestrutura, ele aponta que é necessário modificar o que se entende por base econômica:

A insuficiência está em outra parte: na falta de definição da “infraestrutura” como lugar do “conflito entre forças produtivas sociais e condições de produção”; falta de definição que se consolida quando é preenchida de maneira insuficiente e desorientada com a definição burguesa-hegeliana do econômico, que aparece mediante a oposição entre “economia” y “política” (Echeverría, 1986, p. 219).

Um momento importante, mas não o único, desse aprofundamento na definição da “base econômica” é a teoria do valor de uso. Para o autor, essa teoria é o fundamento sobre o qual se erige *todo o edifício da Crítica da Economia Política* (Echeverría, 1998, p.155). Trata-se de um *comportamento estruturador da vida social*, cuja compressão precede e determina, necessariamente, a percepção que Marx tem sobre a especificidade do capitalismo, daquilo que chega a contradisser e desquiciar o capital (Echeverría, 1986, p. 56).

O ponto de partida da identificação e do desdobramento deste comportamento trans-histórico é o conceito da produção, apresentado por Marx na *Introdução de 1857*. Nesse texto, Marx expõe outra forma de pensar a totalidade social a partir da crítica ao individualismo e apresenta a concepção de sociedade dos economistas (o silogismo produção - o universal, circulação - o social, consumo - o individual). Para Marx, a produção, a distribuição e o consumo constituem uma totalidade orgânica de complexa determinação entre os diferentes momentos, mas sendo o momento determinante o sentido que a produção imprime ao processo como totalidade: as sociedades produzem sua realidade e, ao produzi-las, se produzem a si mesmas (MARX, 2011, p.53).

Echeverría desenvolve as indicações contidas na *Introdução de 1857*, que lhe permitem enriquecer o conceito do processo de reprodução, tanto a partir da crítica dos economistas (produção, circulação e consumo), quanto das críticas às contribuições das ciências sociais realizados no século XX. Especificamente, ele recupera criticamente a teoria da civilização material de Fernand Braudel, a teoria linguística de Roman Jakobson e a dimensão semiótica da vida social de Roland Barthes, assim como as descobertas antropológicas de Marcel Mauss, e as contribuições sobre de Norbert Elias, Levi-Strauss, Bataille, Baudrillard, Heidegger, entre outros (Barreda, 2011, pp. 59-60).

O autor se aproxima da *Introdução de 1857* a partir da dialética entre forma e conteúdo (suporte material), presente na estrutura da mercadoria. Faz isso não no sentido de eternizar a forma mercadoria, mas questionando: se o valor de uso é a forma natural da riqueza social, qual será seu conteúdo e a dinâmica própria fora do contexto da sua dominação no capitalismo?

Na apresentação da totalidade social, na *Introdução de 1857*, Marx destaca que na produção não se produz simplesmente um objeto e sim um objeto com uma forma concreta, com características e diferenças qualitativas. O resultado da produção é sempre um objeto com qualidades materiais específicas e nele está contido a maneira em que o mesmo deve ser consumido e, em consequência, a forma específica da necessidade à que está dirigido. Nesse sentido, distingue que: *fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente* (Marx, 2011, p.47). Nessa frase está explícita a produção de forma do processo de reprodução social. O conteúdo da necessidade é a fome, suporte material fisiológico, porém, nas sociedades, essa necessidade adquire formas tão diferentes quanto assumem as distintas formas dos alimentos.

É possível identificar, aponta Echeverría, que nenhum processo de reprodução social na histórica tem existido como um processo técnico estritamente econômico. A reprodução material nunca esteve baseada por completo em princípios econômicos puros (abstratos de eficiência), assim como tampouco por determinações simplesmente biológicas (Echeverría, 2001, p. 18). O domínio do âmbito econômico sobre o resto das dimensões seria, na verdade, o caráter específico das sociedades capitalistas. No qual, segundo o apresentado anteriormente, a forma valor se impõe sobre a forma natural da riqueza social, abstraindo-a, porém, ao não poder eliminá-la, a conserva como seu suporte material.

Na produção da forma do processo de reprodução social, dos objetos e dos indivíduos, pode ser reconhecida a presença da intervenção de um nível básico da cultura. Esse consiste em um conjunto de operações e princípios que são supérfluos desde o ponto de vista da eficiência

técnica e fisiológica (Echeverría, 2001, p. 18). Na continuação do exemplo usado por Marx, Echeverría explica esta intervenção da cultura na alimentação:

A integridade física do corpo do sujeito humano que precisa ser reproduzida consumindo uma quantidade mínima de um determinado conjunto de substâncias alimentares ... essas substâncias, no entanto, parecem obrigadas a oferecer uma determinada forma ... se não satisfazem este requisito aparentemente ocioso não poderiam cumprir a função a que se destina segundo a perspectiva puramente funcional ou fisiológica (Echeverría, 2001, p.166)

A determinação desta forma, aparentemente ociosa, do processo de reprodução social não é aleatória e nem responde a um capricho, como defende Levi-Strauss (Alonso, 2005). Na produção da forma da riqueza social intervém, além da relação com a natureza presente no ambiente e no corpo, a organização das relações sociais, ou seja, a outra materialidade que enfrenta o sujeito humano: “Trabalhar e disfrutar, ao produzir transformações com o valor de uso o consumir bens produzidos, o sujeito social simultaneamente prefigura e efetua uma determinada forma de sociabilidade, define a identidade da sua *polis* como sociedade concreta.” (Echeverría, 1986, p. 214).

O que faz do processo de reprodução social um processo diferente daquilo presente nas outras formas de vida é essa produção da forma da materialidade dupla, dos objetos e das relações sociais. A diferença dos outros animais gregários, a materialidade sobre a que se realiza o processo de reprodução social não é algo fixo e imutável determinado instintivamente (Echeverría, 1998, pp.165-166). Por exemplo, como seria sempre comer carne crua, mas também uma organização coletiva fixa como a existente entre os membros de um enxame de abelhas. A história das sociedades tem sido testemunha da existência de uma diversidade de formas de reprodução, histórica, geográfica e etnicamente determinadas. Não existe uma forma única possível de ser humano. O processo de reprodução social é um processo livre. Livre, no sentido sartreano do termo, adverte Echeverría: *porque, no seu caso, persistir na forma de sua existência não é perpetuá-la automaticamente, mas criá-la e recriá-la, instaurá-la e modificá-la* (Echeverría, 1986, p. 214). E conclui: se o que está em jogo em cada processo de produção e consumo é a conservação ou modificação da forma concreta das materialidades sociais, então trata-se também de um processo essencialmente político.

Desta forma, Echeverría identifica a existência de uma dialética forma-conteúdo específica da forma natural do processo de reprodução social. Sobre o conteúdo natural, animal ou biológico se realiza uma forma política que determina as características concretas dos objetos da riqueza social e das relações sociais e com isto a identidade do processo de reprodução social como totalidade. “O processo de reprodução do ser humano como um processo no qual a

reprodução da sua materialidade animal se encontra em qualidade de portadora de uma reprodução que a transcende, a da sua materialidade social.” (Echeverría, 1998, p. 164).

É importante advertir que, para esse autor, é claro que este suporte natural da forma política existe apenas teoricamente, é referível apenas no mesmo nível de abstração que o sentido da fome como falta de nutrientes. Porém, manter a diferenciação entre este conteúdo natural e sua forma social é muito importante, porque evita cair em uma posição antropocêntrica, segundo a qual a natureza é reduzida a simples material útil para a criação humana: *as características do território e do corpo do animal humano são o material particular que deixa sua marca* (Echeverría, 2001, pp.148-149).

Natureza, economia, política e cultura são assim vinculadas organicamente no interior da forma natural do processo de reprodução social. No entanto, o enriquecimento da definição da forma natural do processo de reprodução, ainda que importante, é apenas um momento na superação dos vícios do economicismo. Estabelecida as linhas que definem a riqueza que está contida no valor de uso, é agora possível retornar à contradição valor-valor de uso e, em especial, aos mecanismos através dos quais a forma valor domina sobre a totalidade social.

### 3. A dialética da coisificação

Em diálogo com Lukács e, tomando como base o conceito de coisificação, o autor se pergunta: é possível falar de uma destruição total de toda a riqueza qualitativa das sociedades enquanto a lógica do capital é indiferente, por princípio, no que diz respeito ao valor de uso? (Echeverría, 2011, p.505). Para esse autor, a resposta se encontra em *O Capital*, sendo possível acessá-las a partir de uma leitura que siga o desenvolvimento da contradição valor-valor de uso. Echeverría chama de dialética da coisificação este desenvolvimento, que perpassa as principais categorias da Crítica da Economia Política.

Lembrando o que está contido no primeiro capítulo, que *nenhuma coisa pode ser valor se não é um objeto para o uso, um valor de uso* (Marx, 2003, p.51), Echeverría conclui que é impossível uma autovalorização do valor que não suponha um projeto de mundo, uma concreção. O domínio da forma valor não pode prescindir da forma natural da riqueza social. Portanto, o capital se realiza efetivamente como um processo concreto de reprodução social, não apenas econômico (abstrato-quantitativo), mas também político e cultural, no qual os indivíduos, através das suas atividades, ratificam e resistem ao capital (Echeverría, 2011, pp. 511-514).

O domínio da forma valor tem um sentido totalizante, de transformar tudo em mercadorias para a valorização, porém, na prática, este domínio é realizado como um conflito sempre renovado. A sociedade capitalista é uma totalização forçada que sempre mantém a polaridade contraditória entre o valor e o valor de uso. Ainda que o valor abstraia e domine o valor de uso, trata-se de uma negação débil, aponta Echeverría, o capitalismo não consegue aniquilar por completo a sua dependência da forma natural. A incapacidade de um domínio total da lógica do valor se expressa como um processo constante de abstração-subordinação e resistência-reposição do valor de uso. A contradição valor e valor de uso permanece como fato e experiência constante e repetida nas sociedades capitalistas.

Esse processo é descrito por Marx sob o nome de subsunção formal e real do processo de trabalho do capital. Termos, presentes em *O Capital*, mas explicitamente apresentados no rascunho chamado *O Capítulo VI inédito* ou *Manuscrito 1861-1863*. A palavra subsunção refere à subordinação e à inversão já anunciada na contradição valor e valor de uso, não no seu sentido estático no interior da mercadoria e sim como processo. Nesse sentido, a primeira virtude do conceito de subsunção é que ele denota o domínio do capital como um processo que se renova continuamente e não como um fato acabado. Desta maneira, a forma valor se encontra vencendo, permanentemente, o valor de uso, que sucumbe. Porém, o valor de uso sempre surge de novo, às vezes para resistir, outras aparece deformado nos seus princípios.

Uma segunda virtude do conceito de subsunção, é que este processo se apresenta em dois níveis, de acordo com o grau e o tipo do seu efeito sobre a reprodução da vida social. A subsunção formal revela que o modo de produção capitalista muda as condições de propriedade do processo de produção. E, com isso, muda o sentido geral do processo de reprodução social, tornando-o um processo dirigido exclusivamente a realização e acumulação de mais-valor e não mais à reprodução social, a qual fica em segundo plano como um mal necessário. Porém, ao fazer isto não modifica o conteúdo do processo de trabalho e do consumo. Ao contrário, se apropria do sistema de necessidades e de capacidades pré-existentes.

A subsunção real acontece quando o conteúdo do processo de produção-consumo é produzido ele mesma de acordo com o princípio capitalista. A forma valor transforma segundo sua lógica a forma natural da riqueza. A legalidade da inversão capitalista, presente na estrutura da mercadoria, torna-se uma realidade. Primeiro, tecnológica e, depois, material, que contém inscrita na sua estrutura dita legalidade (Arizmendi, 2012, p. 161). O resultado é, assim, a criação de uma riqueza concreta, mas com a marca do capital, na qual as necessidades sociais, que ainda que, em aparência, obedecem as decisões individuais ou coletivas, obedecem, em realidade, as necessidades de acumulação do capital (Juanes, 2012, p. 177-178).

A consideração da subsunção real do processo de trabalho critica o mito burguês do progresso, segundo o qual, com o capitalismo, o ser social se torna O Senhor da natureza, transformando-a em um apêndice da sua realidade. Com isto, não nega que o capitalismo representa, na história da humanidade, uma mudança tecnológica radical (Echeverría, 1997, p. 143). Mais uma vez, a chave para entender criticamente este pulo tecnológico é a partir da contradição valor e valor de uso.

É imprescindível diferenciar entre o conteúdo desta mudança tecnológica e sua peculiar forma de realização. Como foi exposto, nenhum processo de reprodução social se baseia em um princípio econômico puro. Questões naturais, culturais e políticas estão presentes. O desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo não é neutro e nem unilateralmente libertador: as forças produtivas capitalistas têm inscritas na sua materialidade a contradição valor-valor de uso.

Em conjunto, a teoria da forma natural do processo de reprodução e a dialética da coisificação, Echeverría rompe com outro dos dogmas do marxismo vulgar: a crença de que a liberdade depende de um desenvolvimento linear e cosmopolita das forças produtivas. Desde a dialética da coisificação, é possível, para Echeverría, estabelecer uma crítica à formulação eurocêntrica do marxismo. Desde a perspectiva da forma valor, é indiferente se a valorização do valor se realizar sobre tal ou qual cultura, porque seu princípio é precisamente a abstração de todas as características qualitativas. Porém, como se apresentou, nenhum processo de reprodução se realiza em termos técnicos puros e isto é válido também no capitalismo.

Trata-se de um processo particular de reprodução social e desenvolvimento das forças produtivas, marcado pela forma de valor e pela origem geográfica do capitalismo do mesmo. Echeverría explora as consequências de que o capitalismo surge no norte da Europa ocidental para se expandir depois para os Estados Unidos. Como resultado, da mesma forma na qual não se pode falar em um desenvolvimento tecnológico e científico alheio à lógica do valor tampouco é possível assumir que este desenvolvimento seja culturalmente neutro e, em si, universal.

Isto lhe permite a Echeverría elaborar uma teoria do racismo moderno e uma interpretação das características da evolução do capitalismo sob os Estados Unidos e em especial do seu caráter destrutivo. O racismo moderno é um racismo da *branquitude*. Por um lado, este termo faz referência à maneira de ser, de se comportar, que se identifica com a lógica de valorização. É a interiorização, como destino individual, dos princípios da valorização de valor, do produtivíssimo, do auto-sacrifício, do ascetismo e de todo o que Weber identifica na ética protestante. A experiência que faz do capitalismo um fato natural, é pelo tanto faz dele uma

defesa militante, não apenas como a melhor, mas também como a única possível de realizar a vida social. Por outro lado, aponta Echeverría, esta branquitude que é exigida aos indivíduos se confunde e as vezes se realiza como racismo de brancura étnica. Em momentos de crises, aponta, a brancura étnica se confunde com a branquitude, gerando situações de conflito social (Echeverría, 2007). Em consequência as pessoas cuja atitude não refletisse a lógica da forma valor é inferior e fatível de ser dominado, colonizado ou subdesenvolvido. Este tipo de racismo, baseados em argumentos não raciais, tem estado muito presente na justificativa que se quer fazer do atraso ou pobreza das populações latino-americanas ou dos migrantes não ocidentais na Europa e os Estados Unidos.

No capitalismo desenvolvido pelos Estados Unidos é possível identificar que a subsunção real do processo de reprodução se cumpre em condições de extrema debilidade do valor de uso. O desenvolvimento do capitalismo neste país resulta em uma ruptura quase total em relação ao passado pré-capitalista e na construção de uma forma de ser já apropriado à lógica do capital. Em um território, que é considerado vazio e disponível para a conquista civilizatória, resultado do despojo e redução das populações indígenas. Condições históricas que permitiriam que na contradição valor-valor de uso quase se elimine ao valor de uso em um domínio quase absoluto da lógica de valor. Com destrutivas consequências sobre a natureza, externa e a do corpo, assim como sobre a sociedade mesma: “Seria a conquista do mais alto grau de subsunção da lógica ‘natural’ ou lógica do valor de uso da vida social moderna à lógica capitalista de auto-valorização do valor mercantil, o grau quase completo de identificação.” (ECHEVERRÍA, 2010, p. 94).

O resultado, o capitalismo estadunidense impõe um processo de reprodução social destrutivo e nocivo, tanto em referencia à natureza como ao corpo, e a integridade dos indivíduos e as relações sociais.

#### **4. Contribuições para a crítica do capitalismo do século XXI: a modo de conclusão**

O questionamento implacável que realiza Echeverría dos pilares do pensamento marxistas do século XX, assim como da dominação do mundo de vida pela forma valor, não o levam a adotar a atitude, muito comum no tempo atual, de abandono e desilusão diante a possibilidade de uma alternativa real ao mundo do capital. Ao contrário e seguindo o espírito de Marx, defende a atualidade da revolução através de um rigoroso e profundo exame do capitalismo.

No capitalismo do final do século XX e princípios do XXI, o caráter destrutivo da técnica capitalista é brutalmente evidente. É uma época de devastação desaforada da natureza e da

riqueza social, incluída a corporeidade dos indivíduos. Perante a esse cenário, como nunca antes, é necessário realizar a crítica radical do mundo material, na sua qualidade de valor de uso criado pelo capitalismo e sobre o qual temos nos visto obrigados a reproduzir nossas vidas. O valor de uso proposto e imposto pelo capital, não é a única forma-natural do processo de reprodução possível nem a relação destrutiva com a natureza é a uma plausível. Para Echeverría o tema do nosso tempo, o tempo de violenta devastação, é precisamente este questionamento do domínio da forma valor sobre a forma natural da riqueza social. E onde não apenas está em jogo a compressão crítica do capitalismo do século XXI e atualidade do projeto de Marx, senão também a sua superação.

### Referências Bibliográficas

- Arizmendi, L. (2012). Bolívar Echeverría o la crítica a la devastación desde la esperanza en la modernidad. In: FUENTES, García y Oliva (comp.). *Bolívar Echeverría, crítica e interpretación*. México: UNAM- ITACA. pp. 141- 163.
- Barreda, A. (2011). En torno a las raíces del pensamiento crítico de Bolívar Echeverría. In (antología) *Bolívar Echeverría, Crítica de la modernidad capitalista*. Bolívia: Vice Presidencia del Estado Plurinacional de Bolívia.
- Echeverría, B. ( 2010a) “Crítica a “La posibilidad de una Teoría Crítica” de György Márkus”. *Revista Mundo Siglo XXI*. Centro de Investigaciones Economicas, Administrativas y Sociales IPN, N° 20, Primavera. México.
- \_\_\_\_\_. (2010b). La modernidad americana (claves para su comprensión) In: *Modernidad y Blanquitud*. México: Ediciones Era.
- \_\_\_\_\_. (2007). “Imágenes de la blanquitud”. In: Lizardo (coord.). *Sociedades iconicas. Historia, ideología y cultura en la imagen*. México: Siglo XXI editores.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Definición del Cultura*. México: ITACA- UNAM.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Valor de uso y utopía*. México: Siglo XXI editores.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Las Ilusiones de la modernidad*. México: UNAM-Equilibrista.
- \_\_\_\_\_. (2011). “El concepto de fetichismo en Marx y en Lukács. In: (antología) *Bolívar Echeverría, Crítica de la modernidad capitalista*. Bolívia: Vice Presidencia del Estado Plurinacional de Bolívia. (Obra original publicada em 1988)
- \_\_\_\_\_. (1986). *El discurso crítico de Marx*. México: Editora ERA.
- Gandler, S. (2007). *Marxismo crítico en México*: Adolfo Sanchez Vazquez y Bolívar Echeverría . México: FCE, UNAM, FE/UNAM.
- Grave, C. (2012). El discurso crítico sobre la modernidad en Fuentes, García e Oliva (Comp.). *Bolívar Echeverría , crítica e interpretación*. FFyL UNAM e Editorial Itaca.

Inclán, D.; Millán, M.; Linsalata, L. (mayo 2012). “Apuesta por el “valor de uso“: aproximación a la arquitectónica del pensamiento de Bolívar Echeverría”. *Íconos*, Revista de Ciencias sociales. Num 42, Quito, pp. 19-32.

Juanes, J. (2012). La política y lo político en Bolívar Echeverría em Fuentes. García y Oliva (comp.) *Bolívar Echeverría, crítica e interpretación*. (pp. 173-181). UNAM- ITACA.

Marx, K. (2011). *Grundrisse, Manuscritos económicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial.

\_\_\_\_\_. (2003). *El Capital Crítica de la Economía Política*. Tomo I vol. I. México: Siglo XXI editores (Obra original publicada em 1872)